

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMMARIO:— Idéas sobre o theatro (O conservatorio dramático).—Uma questão de fôro.—Romance, O testamento do Sr. Chauvelin.—História da dança.—O collar da perolas.—A caridade.—Revista de theatros —Poesias, A. D. Gabriella da Cunha, Desalento, e Os meus desejos.—Chronica elegante.

Idéas sobre o theatro.

III.

O CONSERVATORIO DRAMATICO.

A litteratura dramatica tem como todo o povo constituído, um corpo policial, que lhe serve de censura e pena; é o conservatorio.

Dous são, ou devem ser os fins desta instituição; o moral e o intellectual. Preenche o primeiro na correção das feições menos decentes das concepções dramaticas; atinge ao segundo analysando e decidindo sobre o mérito literario—dessas mesmas concepções.

Com estes alvos um conservatorio dramático é mais que útil, e necessaria. A critica oficial, tribunal sem apelação, garantido pelo governo, sustentado pela opinião publica, é a mais fecunda das críticas, quando pautada pela razão, e despida das estratégias surdas;

Todas as tentativas pois, toda a idéa, para nullificar uma instituição como esta, e nullificar o theatro, e tirar-lhe a feição civilizadora que por ventura lhe assiste.

Corresponderá à definição que aqui damos desse tribunal de censura, a instituição que tanto ali chamada—Conservatorio dramático? Se não corresponde onde está a causa desse divorcio entre a idéia e o corpo?

Dando á primeira pergunta uma negativa, vejamos onde existe essa causa. É evidente que na base, na constituição interna, na lei de organização. As atribuições do Conservatorio limitam-se a apontar os pontos descarnados do corpo que a decencia manda cobrir: risca as offensas feitas ás leis do paiz, e á religião... do estado; mais nada.

Assim preenche o primeiro fim a que se propõe uma corporação dessa ordem; mas o segundo? nem uma concessão, nem um direito.

Organizado desta maneira era inutil reunir os homens da litteratura nesse tribunal; um grupo de vestões, bastava.

Não sei que razão se pôde allegar em defesa da organização actual do nosso Conservatorio, não sei. Viciado na primitiva, não tem ainda hoje uma formula e um fim mais rasoavel com as aspirações do theatro e com o senso comum.

Preenchendo o primeiro dos dous alvos a que deve tender o Conservatorio em vez de se constituir um corpo deliberativo, torna-se uma simples machina, instrumento commun, mão sem ação, que traga os seus juízos sobre as linhas implacaveis de um estatuto que lhe serve de norma.

Julgue de uma composição pelo toca ás offensas feitas á moral ás leis, e á religião, não é discutir-lhe o mérito puramente litterario, no pensamento criador, na construção scénica, no desenho dos caracteres, na disposição das figuras, no jogo do lingua.

Na segunda hypothese ha urister de conhecimentos mais amplos, e conhecimentos tais que possam legitimar uma magistratura intelectual.

Na primeira, como disse, bastão apenas meia duzia de vestaes e duas ou tres daquellas fidalgas devotas do rei de Mafra. Estava preenchido o fim.

Julgar do valor litterario de composição, é exercer uma função civilisadora, ao mesmo tempo que praticar um direito do espirito; é tomar um carácter menos vassallo, e de mais iniciativa e deliberação.

Comtudo por vezes as intelligencias do nosso Conservatorio, como que sacodem esse freio que lhe serve de lei, e entram no exercicio desse direito que se lhes nega; não deliberam, é verdade, mas protestam. A estatua lá vai tomar vida nas mãos de Prometeu, mas a inferioridade do marmore fica assinalada com a autopsia do escopro.

Mas ganha a litteratura, ganha a arte com essas analyses da sombra? Ganhá, quando muito, o archivo. A analyse das concepções, o estudo das prosodias, vão morrer, ou pelo menos dormir no pó das estantes.

Não é esta a missão de um Conservatorio dramatico. Antes negar a intelligencia que limita la ao estudo enfadonho das indecncias, e marcar-lhe as inspirações pelos artigos de uma lei viciosa,

E — note-se bem! — é esta uma questão de grande alcance. Qual é o influencia de um Conservatorio organizado desta forma? E que respeito pode inspirar assim ao theatro?

Trocaram-se os papeis. A instituição perde o direito de juiz e desce na razão da ascendencia do theatro.

Façam ampliar as atribuições desse corpo, procuram dar-lhe outro carácter mais serio, outros direitos mais iniciadores; façam dessa sa-christia de igreja, um tribunal de censura.

Completem porém toda essa mudança de forma. Qual é o resultado do anonymo? Se o conservatorio é um jury deliberativo, deve ser intelligente; e por que não ha de a intelligencia assignar os seus juízos? Em matéria de arte em não conheço susceptibilidades nem interesses. Emancipem o espirito, hão de respeitar-lhe as decisões.

Machado de Assis.

(Continúa.)

Uma questão de fóro.

A imprensa tem-se ultimamente discutido

uma importante questão, dependente ainda de solução final dos tribunais, em segunda instância.

Trata-se de reivindicar uma quantia devida, pretendendo-se annullar o débito sob pretexto de incapacidade moral do devedor.

Com quanto esta revista não tenha uma parte consagrada á assumpto desta ordem, não duvidamos tratar tambem delle, porque além do imediato interesse que inspira, toca muito de perto a sociedade, para que possa passar despercebido.

Não se pense que intentamos defender interesses de terceiro; a causa, sómente a causa movenos a escrever este e outros artigos que iremos sucessivamente publicando, pedindo sobre elles a atenção dos leitores, por isso que, como dissemos, é ella sumamente interessante.

Um individuo pedio a outro á titulo de empréstimo certa quantia que o segundo não duvidou emprestar; passam se tempos, approxima-se o dia do vencimento do credito; e a mulher que com elle se casara muito depois de tal dívida aconselhada por interessados amigos dá o marido por demente, intentando-se assim nullificar a mesma dívida.

Provar que o marido nunca esteve demente foi trabalho pouco difícil para a parte adversa: os seus longos annos de serviço como oficial da secretaria de estado dos negocios da marinha; diversas transacções efectuadas no decurso de toda a sua vida; e o proprio facto de sómente agora allegarem essa demencia, quando sob o peso das circunstancias, quando tinha-se de satisfazer uma obrigação; tudo isso atesta a falta de fé, um meio irrisorio de fugir ao pagamento de um débito reconhecidamente legitimado.

Fôra preciso para tanto uma força de vontade, um animo tão bem disposto que faz pasmar o bom senso, affrontando a gravidade de pessoas insuspeitas a quem tem repugnado acompanhar a questão no terreno em que tem descido.

Por nossa parte a discutiremos como escriptor que sabe comprehender a altura de sua missão, tendo a verdade por principio e o desinteresse por norma.

Como prefacio deixamos estas curtas linhas. Nos seguintes artigos entraremos na questão com maior desenvolvimento.

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN.

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

VIII.

JURAMENTO DE JOGADOR.

(Continuado do n. antecedente.)

O Sr. de Chauvelin voltando-se deu com um padre que o saudou com um ar respeitoso e grave.

— Quem é este padre? perguntou elle aproximando-se da marquez.

— E' Delar, o meu confessor.

— O seu confessor? interrogou elle empalidecendo. Depois, mais baixo, disse: Também tenho nessecidade de um confessor; e este não vem fóra de tempo.

O padre affeito ás cortezanias singro não ter ouvido, mas guardou consigo aquellas palavras.

Passados algans dias, preventido pelo intendeante para estudar as disposições do marquez, foi ter com elle disposto a não perder qualquer occasião.

— Permite que lhe peça notícias do rei, Sr. marquez? perguntou elle.

— Por que me faz esta pergunta.

— Ouvi dizer que Luiz XV estava presto a ser chamado para junto de Deus, e estes boatos são ordinariamente percursos de infiusta noticia. Acredite me que S. M. não poderá viver muito tempo.

— Pensa isto, meu padre? perguntou o Sr. de Chauvelin entristecendo se cada vez mais.

— E não seria não que elle se reconciliar-se com Deus que reparasse todas as offensas que lhe tem feito.

— Senhor, respondeu vivamente o Sr. Dr. Chauvelin, os confessores devem esperar que mande-se chamalos.

— A morte não espera, senhor, e eu há muito tempo que aguardo também uma palavra sua.

— Uma palavra minha! oh! a minha confissão será muito extensa e eu ainda não reflecti bem.

— A confissão depende toda do arrependimento, do pezar de haver-se peccado; é um dos grandes peccados, Sr. marquez, o que provém do escandalo.

— E quem não dá esses escandalos, quem de nós não se presta á maledicencia? Além de que o céo pôde punirnos pelos crimes dos outros.

— O céo pune a desobediencia ás suas leis, o céo pune a pertinacia; para isso manda-nos aviso, e se as desprezamos nada poderá salvar-nos.

O Sr. de Chauvelin não respondeu, e poz-se a reflectir. A marquez tendo visto aquella conversação animada discretamente retirou-se desejando que produzisse feliz resultado.

— Tem razão, meu padre, disse o marquez depois de um longo silencio. estou arrependido das minhas estravagancias de rapaz, e quero também confessar-me, por que sinto, sim, bem o sinto, que a morte está perto.

— A morte! o senhor pensa na morte e não toma disposição alguma para salvagão de sua alma, de sua fortuna. Receia morrer e não pensa em um testamento, indispensável para a felicidade dos seus herdeiros! Perdoe-me, Sr. marquez, o meu zelo e dedicação para esta casa fizeram-me ir mais longe do que devia.

— Não... Tem razão, meu padre, e fique certo que esse testamento acha-se pronto; só falta a minha assinatura.

— O Sr. tem de morrer, e não se acha preparado para comparecer diante de Deus...

— Ah! elle me perdourá... Nasci no seio da religião christã e como christão quero morrer. Appareça amanhã e continuaremos esta conversa que tanto bem me infiltra n'alma.

— Amanhã! E porque hâde ser amanhã?

— Preciso pensar: preciso primeiramente colligir todos os factos da minha vida.

Mas lembre-se do proverbio: amanhã, amanhã...

— Não tenha susto: não se pôde cuidar em tudo ao mesmo tempo.

— Oh! Sr. marquez, replicou o padre inclinando-se, basta um momento para de um pecador fazer-se um penitente,

— Bem, muito bem, meu padre, amanhã conversaremos. Olhe, chamam-nos para o jantar.

E o marquez com um gesto convidou o padre para que o seguisse. No caminho o preceptor approximou-se de Delar perguntando-lhe:

— O que terá o marquez? Está triste, sombrio, elle que ordinariamente era tão alegre!

— Tem o presentimento de que brevemente morrerá e cuida em emendar-se. É uma con-

versão magnifica e que fará muita honra ao meu convento. Oh ! se o rei ...

— Descanse ; comendo é que vem o appetite. Comtudo, receio que seja tão facil de persuadil-o, como foi o marquez.

— Oh ! o rei não é tão incredulo como pensa. Lembre-se da doença que elle teve em Metz, que o fez a conselhos do seu confessor, despedir Mme. de Chateauroux.

— Sim, mas então Luiz XV era moço, e não se tratava de despedir Joanna Vaubernier, duas considerações estas que mudam muito a face das cousas. Ensim pense em tudo isto, meu caro Sr. Delar ; o jantar está na mesa e não devemos fazer o Sr. marquez esperar.

Já se achavam á mesa o marquez, sua mulher e seus filhos, quando o padre Delar chegou acompanhado do abade. Sobre a mesa estavam os mais bellos aceipipes : o marquez tinha gosto e o cosinheiro era excellente. Não obstante, desta vez taciturno e melancolico olhava elle para aquella diversidade de pratos, para todas as iguarias sem parecer que as via, com os braços cruzados e o olhar fixo.

Da tristeza o marquez cahio no abatimento; cada um seguia com terror toda aquella mudança por que ia progressivamente passando.

A final uma lagrima cahio dos seus olhos ; a marqueza vio-a e soltou um suspiro, que elle não percebeu.

— Quando eu morrer, disse o marquez repentinamente sahindo do seu lethargo, quero ser enterrado, não em Boissy-Saint-Leger como meus pais, mas em Paris na igreja dos Carmelitas e ao lado dos meus antepassados.

— Que lembrança foi esta tão fóra de tempo ? perguntou a marqueza mal podendo conter a sua dor.

— Quem sabe ? Chamem Bonbonne e digam que vá esperar-me no meu gabinete. Quero estar com elle uma hora : o padre Delar sabe se preciso ou não. — Marqueza, digo-lhe que tem um excellente confessor.

— Estimo que tenha lhe agradado, senhor : a elle pôde dirigir-se com toda a confiança.

— Amanhã pretendo fazel-o. Por enquanto dê licençâa que vá até o meu gabinete.

A marqueza levantou os olhos para o céo, e depois banhada em lagrimas, dirigo-se para seus filhos dizendo :

— Meus filhos, roguem a Deus para que seu pai não nos deixe mais.

Quando o marquez entrou no seu gabinete já alli se achava Bonbonne.

— Vamos, meu velho Bonbonne, disse-lhe elle ; trabalhemos, trabalhemos.

E sacudio com ardor febril todos os papeis, procurando coordenal-os.

— Devagar, de vagar, senhor, que manda muito depressa corre o risco de ficar no caminho.

— O tempo urge, Bonbonne ; affianço-lhe que o tempo urge.

— Então, mãos á obra, senhor.

— Parece-me que nem a todos dá Deus tanto animo de preparar-se para sua ultima jornada.

— Depressa, Bonbonne, trabalhemos depressa.

— Com o calor que está fazendo, senhor, um trabalho mais violento pôde causar-lhe uma pleurisia, uma congestão ou quando menos uma febre, que não lhe dará tempo de fazer testamento.

— Deixe-se de mais delongas. Onde estão as contas a haver ?

— Ei-l-as aqui.

— E a despeza ?

— Também está aqui.

— Seiscentas mil libras de deficit ! Com os diabos !

— Dous annos de economia suprirão este deficit.

— Eu é que já não tenho dous annos para fazer economias....

— Com uma saude destas, senhor ! não diga semelhante coisa.

— Não me disse já que o tabellião redigira um projecto de testamento mui hábil, assegurando a meus filhos a totalidade dos bens em sua maioridade ?

— Sim, senhor, e isto unicamente com as rendas de suas terras.

— Vejamos este projecto.

— Ei-l-o aqui.

— Não vejo bem : leia o senhor mesmo.

(Continua.)

História da dansa.

II.

No artigo anterior ficamos de dar os nomes das principaes dansas : são estas as *olivettes* da Provence, o *redrondo* bretão, o *minuete* de Poitou, *aguirota* de Gap, muito popular no tempo de

Luiz XIII, a *sarabande* e a *pavane* originarias da Espanha, a *bocane*, nome tirado do seu autor Bocan, mestre de dansa da rainha da Austria, o *rigaudon* de Rigaud seu autor, celebre dansarino da Provença e Languedoc, a *pamperrueque* que seis bearnezas dansaram por occasião das nupcias de Isabel de Baviera, a *furandole* da Borgonha etc.

Estas dansas com poucas exceções não existem mais; hoje a contradansa ou quadrilha, a polka, a walsa, a masurka, a vorsoviana, redowa, a schottish, os lanceiros são as unicas que disputam-se a primasia em todos os salões.

Não ha em França uma dansa propriamente nacional. A Inglaterra tem suas *gigues*, a Espanha tem a *cachucha* e o *boleiro*, a Italia a *torettella*, e a Africa a *chica*; a França porém todas tem pedido aos estrangeiros. Os lanceiros e a schottish são de origem britanica; a varsoviana, redowa, polka, e a masurka nasceram na Hungria e na Polonia; a walsa pertence a Alemanha; e a contradansa é dos camponezes da Inglaterra e foi importada em França por occasião da embaxada de Buckin gham junto a Luiz XIII.

A dansa tem tido seus detractores e seus partidarios: uns acham este divertimento ridiculo, outros o consideram como hygienico e proprio para o desenvolvimento do corpo.

Um cortezão lisongeava o duque de Orleans pela graça que tinha o duque de Chartres quando dansava: Sabe, respondeu o regente, que costume mandar á missa todos que me fazem simelhante felicitação!

No meiado do seculo deses ele era prohibida a dansa ás pessoas revestidas de um caracter serio

Em 1621 dous advogados de Paris convidados para uma festa dansavam em companhia de Chapelain, Balzac, Voiture, Sarrazin e Racan e foram por isso condenados a fazerem uma esmola. Neste tempo a igreja de S. Marinha era onde celebrava-se maior numero de casamentos; sabe-se a troca do annel nupcial, que então costumava a ser de palha; pois bem, os dous advogados substituiram esse annel por um de ouro e estabeleceram um dote de cincoenta escudos para cada moça que se casasse naquelle tempo. Isto durou até 1787, e era intitulada *o fructo da dansa dos advogados* aquella instituição dos dotes.

Entre os defensores da dansa deve-se considerar os dansarinos de profissão, cujos nomes existem nos annaes da chorographia.

Marcello mestre de dansa do rei, em 1726, gozou de grande reputação: era severo e ás vezes

brutal com os seus discípulos e discípulas. Malesherbes aprendeu com elle a dansar e foi máo discípulo. Um dia Marcello disse-lhe: O senhor promette nunca dizer que aprendeu comigo?

Vestriss (Caetano Apolinario Balthazar) nascido em Florença em 1729 é sem contestação o mais illustre dansarino.

Debutou com resultado na opera, em 1753. Seu orgulho era de tal forma elevado que elle dizia: Frederico, Voltaire e eu somos os maiores vultos do seculo. Chamava-se a si mesmo o deus da dansa, o bello Vestriss, e dava a perna aos discípulos para beijarem quando tinha de mostralhe o seu contentamento.

Vestriss morreu em Paris a 27 de Setembro de 1808. Seu filho gozou tambem de grande reputação.

Gardel merece ser tambem citado. Nascido em Manheim a 18 de Dezembro de 1741, distinguiu-se como dansarino e compositor. Morreu em Baris a 11 de Março de 1787.

Entre as dansarinhas, cujos nomes conservam-se ainda populares, citaremos o de Mlle. Camargo, nascida em Bruxellas a 15 de Abril de 1710 e falecida em Paris a 20 do mesmo mes de 1770. Passou os ultimos annos de vida, como Crebillon rodeada de cães de raça.

Nestes ultimos tempos os nomes de dansarinos que se tem tornado mais celebres, são os das Sras. Eissler, Taglioni, Grise, Rosati, Ferraris, Cerrito e Livry a felix debutante.

Vrs.

O collar de perolas.

HERMINIA D'ARMOR.

II.

O leitor conhece Rennes, a capital da Bretanha? já viveu sob a sua nebulosa atmosphera, *sine lumine solis*? como escreveu ha duzentos annos o arcebispo Marbode, que traçou desta cidade um quadro bem pouco lisongeiro, fazendo dos costumes dos seus habitantes uma descrição das mais sombrios.

Se devemos dar credito ao santo prelado, havia alli tantos inimigos do trabalho, tantos advogados, que faziam ser condenados os inocentes e absolvidos os culpados, tantas linguas viperinas, como hoje entre nós.

O pequeno impulso que se tem dado desde então ao estado phisico e moral da capital da Bretanha ; suas ruas horrivelmente calcadas :

maior parte das casas sem harmonia entre si e tão mal alinhadas que parecem reclamar um outro como o de 1720 ; o triste aspecto da Vilaine, rio como que encaixado em dupla fila de ignobres barracas : a vida ordinaria dos seus habitantes retirados em suas casas desde ás nove horas da noite ; os arrabaldes enfim despidos de localidades pittorescas e gratas recordações ; tudo isso a constituiua uma das menos interessantes cidades da França.

No meio de tudo isto porém, confessemos, a cidade tem o seu Mail, longo passeio cercado de canaes com grandes arvoredos e que parece a avenida de um gothic castello : além do Mail tem tambem o seu Thabor que poderia crer se como os destroços de um parque real ; e tem ainda uma grande bibliotheca de trinta mil volumes, e um museo.

Na época em que comeja esta historia aquella cidade ainda apresentaria com pouca diferença o mesmo aspecto que hoje, se não houvesse vindo animar sua austera phisionomia a dissidencia então reinante entre a nobreza e as classes tributarias.

A luta do parlamento contra os interesses do rei, esta luta em que o Sr. La Chalotais desenvolveu tanta energia e talento, despertou as affeições populares e levou o espirito da provincia mais longe do que esperavam os magistrados e os gentis-homens da Bretanha. O povo, que elles haviam excitado, reconhecendo que defendendo a velha constituição pugnava pela aristocracia e os impostos que pesavam sobre a classe menos favorecida da sociedade, recuou, operando-se desde logo uma violenta reacção.

A conversa que no capitulo precedente citamos, claramente explica o que então se dava na Bretanha. Nossos dous interlocutores, o velho conde de Armor, um dos gentis-homens bretões mais orgulhosos de seus privilegios, e Emmanuel Meriadec, um dos mais entusiasmados defensores das prerrogativas do povo ; estes dous personagens igualmente exaltados em seus principios, podem dar uma idéa da exacerbacão que então reinava nos animos. A provincia estava por toda parte cheia de pamphletos, semelhando relampagos que illuminam um navio em mar tempestuoso, fazendo ver os cachopos sobre que o mundo social estava prestes a despedazar-se.

O velho conde de Armor era um desses que consideravam a antiga constituição da Bretanha como a arca salvadora, que mãos profanas pretendiam tocar ; mais facil lhe seria concorrer para a bancarrota do estado do que ceder um só dos direitos a elle legados por seus antepassados. Representava o tipo da obstinação que tão bem caracterisa o bretão.

Pôde-se com facilidade fazer uma idéa do arrebentamento que seguiu-se á conversa que tivera com Emmanuel Meriadec. Passeou por muito tempo com impaciencia pelo gabinete ; parecia terem chegado ao cumulo as desgraças daquella quadra calamitosa : só se viam dividas immensas, leis sem vigor e desprezo pelos nobres : era um deficit geral.

Em quanto consigo mesmo desabafava todo o ressentimento, seu filho entrou com uma carta na mão e disse-lhe :

— Meu pai, mandaram-me um cartel de desafio ; um joven queixa-se de o haver insultado, é verdade ?

— E'.

— Então basta.

E Frederico d'Armor, proferindo estas ultimas palavras dispunha-se para retirar-se.

— Onde vai ? interrogou o velho.

— Vou para onde me chama o dever, respondeu seu filho com uma vivacidade toda militar. Elle era oficial das guardas francesas.

— Não pede-me explicação alguma ?

— Não me compete fazê-lo.

— E se eu tiver commetido um erro ?

— Devo ignorá-lo.

O conde apertou a mão de Frederico. Acabava de expôr os dias de seu filho e no entanto não podia queixar-se do seu adversario.

Um combate de morte vai talvez ter lugar entre os dous jovens ; um delles succumbrá ! assim pensava o velho, ignorando que um só olhar de M.^{sr} d'Armor acalmara o animo exacerbado de Meriadec, e que esta recordação defenderia melhor o peito do irmão do que a mais rigida couraça.

Frederico tratou de ver duas testemunhas e dirigio-sa com ellas para o ponto em que devia ter lugar o duelo. Quando ali chegaram já Meriadec achava-se esperando-o com um de seus amigos que caminhou polidamente para um dos antagonistas, pedindo-lhe satisfação em nome de Meradier.

— Estou prompto a satisfazer os desejos do seu amigo, e accepto as armas que elle escolher, respondeu Frederico.

— Temos a espada.

— Pois bem, seja a espada, disse Frederico; o Sr. Meriadec pôde approximar-se.

Os dous jovens collocaram-se em frente um do outro, e puzeram-se em guarda.

Depois de alguns botes em que procuravam medir-se as forças, que eram quasi iguaes, Frederico tentou duas vezes ferir o seu adversario sem conseguil-o. Emmanuel, ao contrario, apenas aparava os golpes enquanto o joven officiai dêsse por vezes occasião de ser ferido. As testemunhas vendo prolongar-se aquella luta sem resultado convidaram a terminarem-n'a, dando-a como honrosa para ambos.

— De tão boa vontade o farei, quanto conheço que a continuaçao do combate seria uma falta de reconhecimento da minha parte, disse Frederico; o Sr. Meriadec tem-me evidentemente poupadão.

— Não pretendo fazer-lhe mal, replicou Emmanuel; desejava unicamente que não se duvidasse de nessa consciencia nem de nossa coragem. Accepto o termo da luta se assim o querem.

— Ahi tem a minha mão, disse Frederico, e peço que sejamos amigos.

— De todo o coração, respondeu Meriadec. Houro-me de haver medido com as suas as minhas forças.

E os dous jovens apertaram-se as mãos, e se pararam-se depois de cordiaes demonstrações de amizade, reciprocamente promettendo nunca revelarem aquella encontro a fim de não exacerbarem mais a paixão dos partidos.

— Que familia! exclamou Emmanuel; que vigor de espirito! que energia de caracter! O pai e o filho portaram-se como denodados cavalheiros de tempos que lá vão.

— E' verdade, disse o seu amigo; ha alguma cousa de cavalheiresco no seu procedimento; o pai poderia impedir o duelo.

— Mlle. d'Armor como se orgulhará de ser seu irmão! acrescentou á meia voz Meriadec.

— O que diz?

— Que me lisonjeio pelas consequencias desse duelo respondeu promptamente Meriadec.

E os dous amigos puzeram-se a conversar sobre a discordia que perturbava os animos do povo breton.

(Continua).

A caridade.

A caridade é a virtude a mais santa e a mais pura, é o sentimento mais bello ensinado por Deus ao coração do homem.

A caridade é o aujo, que se assenta no leito do desgraçado, é a santa que enxuga a lagrima do infeliz, que sustenta o pobre, que extermina a miseria.

A caridade, é a palavra do sacerdote, que consola o filho da desgraça, é o sorriso da donzella que dá esperança ao pobre, é a mão mimosa da mulher, que levanta o infeliz, é o remedio dado pelo medico ao pobre que soffre e geme.

A caridade é o arimo da miseria, é o arco-iris da desgraça, é a mão dos infelizes, é o anjo que minora as tormentas do pobre, assim como o vento espalha as nuvens negras da borrasca.

A caridade é a religião do coração, é o amor pelo proximo, é a palavra do santo, é a resurreição de Lazaro.

A caridade é a virtude que faz multiplicar os pães da mesa do Senhor, é a virgem que dá um leito ao infeliz, uma cama ao desgraçado.

A caridade é o anjo que levanta os hospitaes, que abre as igrejas, é a sciencia de Deus.

A caridade é a esmola dada com a mão direita sem que a esquerda o veja, é a mizericordia do coração, é a clemencia dos reis.

Um rei de Chypre dizia: « Nunca castiguei ninguem, que primeiro não lhe tivesse perdoado quatro vezes ».

A caridade é a arca que caminha sobre as aguas do deluvio, é a virtude ensinada por Christo durante a sua vida de martyrio, é a palavra do Homem Deus no monte Calvário.

Um sabio diz : as chamas da caridade seccam as lagrimas da dor.

A caridade é a estrella que guia o infeliz, é o anjo que enche a bolsa de Camões, é a luz, que esclarece o tugurio do pobre.

A caridade é o anjo que cura a chaga do desgraçado, que guia Homero pelas ruas de Smirna, que entra na habitação da dor, e que senta-se no leito da agonia; é S. João de Deus caminhando pelos desertos amparando os filhos da desgraça, e abrindo hospitaes.

A caridade é o amor universal, é a cruz de Deus caminhando pela terra para consolar os afflictos, amparar os pobres, ouvir os gemidos, e enxugar as lagrimas; é o sol da religião.

A caridade é uma das virtudes theologaes.

M. de Arevedo.

Revista de Theatros.

SUMMARIO : — GYMNASIO : — *O romance de um moço pobre* (beneficio da Sra. D. Gabriella.) — *O casamento a marche marche*. (estreia da Sra. D. Theresa Martins.) — THEATRO DE S. PEDRO : — *O Escravo fiel*, (drama).

A odysséa de um desherdado, o sofrimento intimo do pergaminho enfrontado n'uma casaca de mordomo, é o objecto de um dos mais notaveis dramas do moderno theatro francez, representado ultimamente com successo no Gymnasio Dramatico : *O romance de um moço pobre*.

E' dificil, muito dificil esboçar nestas ligeiras linhas e entrecho dessa bella producção de Octave Feuillet. A acção é larga e intrincada, já pela abundancia dos factos, já pela eterogeneidade dos caracteres que se embalem no movimento dramatico.

O osso principal do esqueleto, é entretanto simples. Maximo Odiot forçado pelas privações aceita um lugar de mordomo do castello de Laroque, que mais tarde veio a descobrir que lhe pertence, sendo então um antigo mordomo de seu pae, (o marquez de Champcey,) o proprietario fraudulento do castello com o nome de Laroque.

Sobre estas primicias desenvolveu a habil pena de Octave Feuillet, um lindo drama que pode ser considerado um chefe da escola moralista. Fechou no largo espaço de sete actos uma concepção, e um desenvolvimento, onde o interesse da acção se casa perfeitamente ao desenho puro e correcto dos perfis dramaticos.

Applaudido freneticamente em Paris nas 150 representações consecutivas que teve, *O romance de um moço pobre*, parecia produsir no Rio de Janeiro um efecto igual ao seu merecimento. Foi trasladado para a nossa lingua por uma das pennas mais elegantes, e correctas da imprensa diaria, e, com desempenho e estudo felizes, arrancará mais aplausos.

A decoração do terceiro, quarto, e sexto actos, é obra do habil scenographo, o Sr. João Caetano Ribeiro. Prima sobretudo a do terceiro e quarto acto. A primeira, uma tapada com áneas é notavel pela perspectiva aeria, pelo ambiente que isola e separa os troncos, e as ramagens ; a segunda, as ruinas de uma sala na velha torre de Elven, vista entre douos crepusculos, o occaso e o luar, é notavel tambem pelo resultado feliz dos toques da luz sobre a physionomia urana e

imagestosa de um montão de destroços ; a passagem do dia para a noite é de um efecto magico. O Sr. João Caetano Ribeiro prima sempre naquelle genero de pintura.

Eis geral o desempenho foi bom. Tanto os caracteres do fundo, como as individualidades salientes forão interpretados com intelligencia e firmeza de espirito.

A Sra. D. Gabriella que com o Srs. Furtado e Augusto, ocupou o primeiro plano do quadro, trabalhou com essa alma, e com essa consciencia que formão um todo de artista ; douis elementos, duas faculdades, que revelam o sentimento e a comprehenção, o coração e a cabeça. A scena entre ella e o Sr. Furtado nas minas, foi um duello de arte.

O Sr. J. Augusto no limitadissimo papel de Laroque elevou-se a uma altura a que só chega um talento superior; na scena da morte, no sexto acto, levantou-se ao que de melhor se têm visto aqui, nesse genero. Desmentiu, como o tem feito sempre, as expectativas malevolas que presidião a sua entrada para o Gymnasio.

Estes tres papeis que, como disse, ocupão o primeiro plano no desempenho do drama, assentão sobre um fundo luminoso onde é notavel o efecto da luz, mesmo nos longes.

Distinguiu-se muito tambem o Sr. Paiva no Papel de Bévallan, espirito frívolo, e guebro das fortunas como ambicioso, e das bellezas como sensual.

Como complemento, noto a parte da camponeza Christina, desempenhada com muita graça e ingenuidade pela Sr. D. Ludovina. O papel do Sr. Almeida é que me parece, estar mais nas forças do Sr. Graça que tiraria delle um grande partido. O Sr. Almeida não o comprometeu.

Satisfará o publico os applausos que merece esta linda composição ? A platéa que acceptou sessenta e tantas vezes a *Probidade*, furtar-se-há ao *Romance de um moço pobre* ?

Toda a resposta deve ser em favor do drama e do publico. Como peça litteraria e como mérito dramatico o *Romance de um moço pobre*, merece todo o apoio da platéa ; posto que me não sento à mesma mesa de principios, em diaja cabeceira parece levantar-se o romance de Octave Feuillet.

Com este drama fez beneficio a Sr. D. Gabriella. Artista reconhecida e legitimada por uma longa serie de creações e triumphos, a Sra. D. Gabriella encontrou nos entusiasmos exposta-

neos de uma platéa ilustrada uma dessas ovacões que honram o publico honrando ao artista. Eram reverencias conscientes que enselavam mais uma vez de flores e de cantos o nome illustre da primeira actriz do Gymnasio.

Não é só com estas estréas que o Gymnasio se levanta gradualmente no espirito do publico. Com um pessoal já numeroso, não se recusa a augmentar-o em proveito de seu futuro.

estreou no *Casamento à marche-marche* a Sra. D. Theresa Martins.

A comedie é linda e pequena, cheia de espirito e movimento. O papel da Sra. D. Thereza estava nas proporções de uma estréa modesta.

Já tratei desta senhora quando se achava no theatro de S. Pedro. Fiz-lhe então notar uma falta de alma, e ausencia de estudo, dous obstaculos para um artista. Depois a escola viciosa em que estava; obrigada a representar em composições de segunda ordem, tudo era fatal ao futuro da Sr. Theresa Martins.

Desses defeitos não se desquitou já; é preciso tempo e vontade, e a vontade virá com o tempo. O que eu lhe não negava, e nem lhe nego agora são tendencias. Tem disposições, uma figura simpatica, boa voz; pôde ter futuro.

Vamos a S. Pedro.

Houve o *Escravo fiel*, drama original; e mais duas comedias do mesmo autor: *Pedro Hespanhol*, e *Chins conspiradores*.

O drama foi coberto de aplausos e seu autor chamado freneticamente á scena. E' quanto basta para satisfazer o trabalho de longas noites, e laboriosos dias.

Todavia a expontaneidade desses aplausos só a justifica o instinto publico que repelle a escravidão; e aquella ultima scena em que o escravo apparece com os foros de homem, tocou de veras nas fibras mais intimas de alguns espectadores sérios.

Chronista como sou dos factos theatraes, moço, e crente, com este sentimento do gosto, com este entusiasmo do bello, não posso deixar de protestar no ultimo facto dramatico do theatro normal.

Não se enxergue nestas minhas palavras guerra acintosa e systematica; sou o primeiro reconhecer no autor do *Escravo fiel*, intelligencia, e espirito; mas, os Humbolds não se encontram facilmente; o autor do *Pedro Hespanhol*, pode não ser perfeito dramaturgo, sem perder por isso os dotes de intelectuaes que lhe reconheço.

O *Escravo fiel* não parece ter um direito á estima do corpo litterario. Fundado com a idéa de fazer relevar uma belleza d'alma em corpo negro, não tem um desenvolvimento a par do pensamento capital.

A scena final do primeiro acto por muita cõ de verdade que tenha, é em parte inverosimil. Imagine a leitora a morte de um velho opulento no meio de seus parentes que lhe dezejam a fortuna; apenas expira sahem todos furiosamente a escudriñarem a casa em busca de alguma nota testamentaria para anniullar. Em primeiro lugar a scena é inverosimil, ou pelo menos inconsequente. Os parentes que estavam ha dias nessa casa não teriam occasião para essas pesquisas? Com um homem já velho doente impossibilitado de intervir em causa nenhuma, a busca seria menos ruidosa e mais segura. Depois Firmino, rapazinho da 22 annos, não parece tão cynico que nem respeitasse um morto, para pesquisar os bolços e camisa de Lemos, morto de cinco ou dez minutos.

Pouco antes de morrer Lemos ordena a Lourenço (o escravo) que tire do oratorio ou armario uma caixinha onde estão as suas ultimas disposições. Ora, como disse acima, a familia estava instalada na casa, e tendo procurado tudo, como é natural, não se lembraria nunca de ir ao oratorio onde está essa caixinha?

Depois da luta entre o padre Pedro e Salgado (ambos irmãos de Lemos) o padre retira-se e engana-se no chapéo, levando um de pello commun. Que a verdade do caracter levasse um sacerdote a jogar o pugilato com seu irmão, está nos principios da escola do drama. Mas que o autor interviesses na luta fazendo retirar-se o padre com um chapéo secular, isto é, apresentar uma dignidade da igreja, revestida com as suas vestes sacerdotaes á gargalhada publica, é pouco de acordo com os principios de moral que devem assistir em um povo. Não é assim que a arte civilisa; em uma época de marasmo religioso, e indifferença publica para os dogmas christãos, é matar a alma, cavar o céo, derrubar o altar.

Em todo o drama o autor procurou dar ao negro um linguagem adequada; entretanto cahio em um erro visivel. Muitas pessoas que falam com o escravo usam sempre de um phraseado de salão, a que o negro responde com precisão e conhecimento.

Ha uma phrase lindissima, entretanto, desse mesmo negro.

— Eu sou negro, mas as minhas intenções eram brancas !

Em todo o drama o autor procurou dar uma cér local. Sinto que a decoração não o acompanhasse nesse desejo.

Concluo repetindo o que disse ao principio. O *Escravo* *fel* não pode ter aspirações a ser considerado um drama de absoluto mérito ; pelo menos, na minha opinião.

Todavia as tendencias liberaes do autor, alguma cousa de nacional que ha, intenção de moralizar, salvaram o pensamento que tanto pécca pela manifestação.

A. D. Gabriella da Cunha.

[22 DE DEZEMBRO DE 1859]

Pára ! colhe essas azas um instante;
Olha que senda decorrendo vens !
Pára ! é o marco final do caminhante,
E mais espaços a vencer não tens !

Lembra as visões e os sonhos da passado...
Vão longe, longe — quando, artista em flor,
Nem tinhas o caminho calcado,
Que mais tarde devias de transpôr.

Contaste acaso em tua mente outr' ora
Tantas cordas futuras e tropheus ?
Ou sonhaste uma vez erguer-te agora
Alto, tão alto pela mão de Deus ?

Não podesse medir todo este espaço.
Nem podesse pensar que um dia, aqui
Viria o povo, em um festivo abraço.
Sagrarte os louros triumphaes, a ti.

Foi surpresa do genio — e do destino
Que a tua senda de futuro abriu,
E que uma folha de laurel divino
Em tua fronte pallida cingiu.

Talvez de artista no teu largo manto,
Como gotas de sangue em niveo chão,
Noite de espinhos orvalhou com pranto
E marcou de dôr muita ovaçao.

Faz uma flor de cada espinho acerbo,
Tira de cada tréva um arrebol :
Para fazel-a — abre os teus labios, VERBO !
Para tiral-o — abre os teus raios, SOL !

MACHADO DE ASSIS.

Desalento.

Morreu-me o coração ! ... E nem ao menos
Lagrimas me deixou p'ra novas dôres ! ...

BITHENCOURT DA SILVA.

Do mundo os gosos, da existencia as flores,
Quem soffre dôres nem se quer conhece ! ...
Não frue delicias quem só verte prantos,
E não tem cantos quem na dôr fenece ! ...

Não ha ventura para quem da vida
Em crua lida renegou da sorte ! ...
Não tem prazeres o desventurado,
O malfadado que só crê na morte !

Não tem alento quem o fel tyranno
Do desengano só tragou no mundo ! ...
Não ha sorrisos quando o pranto corre,
Quando se morre de um soffrer profundo !

Assim descrendo de affeições, de amores,
Aos dissabores sucumbiu minh'alma !
E nessa luta de martyrios tantos,
De amargos prantos só colheu a palma !

Do mundo os gosos, da existencia as flores,
Quem soffre dôres nem se quer conhece ! ...
Não frue delicias quem só verte prantos,
E não tem cantos quem na dôr fenece !

SOTERO DE CASTRO E SILVA.

Dezembro de 1859.

Os meus desejos

AO MEU AMIGO O SR. F. T. LEITÃO.

E o piloto fôra eu !
Livre era o mundo e os séculos vingados !
Desejos sempre vãos ! ... reaes só dôres...

A. F. DE CASTILHO.

Que immenso vacuo neste peito sinto !
Que arfar eterno de revolto mar
Que ardente fogo que, jámais extinto,
Sómente assrouxa para mais queimar !

Ai ! esta sede que meu peito rala,
Talvez a apague mundanal prazer ;
Ali no menos poderei farta-la,
Ou n'au lethargo sem paixões viver.

Mas beijos falsos já provei... não quero !...
Quero deleites queinda não senti...
A luta, os riscos d'um combate fero !
Talvez encantos acharei alli.

A luta, os riscos, em acções travadas,
Cruéis phalanges disputando o chão ;
O sangue em jorros, o tinir de espadas,
O fumo e o fogo do voraz canhão !...

Alli os gosos de um feroz delírio,
A luz das armas, sentirei em mim ;
Ou n'uma dellas o funereo cyrio
Que á paz dos mortos me conduza ao fim.

Mas não, não quero sobre a terra escrava,
A vis tyrannos immolar em vão !...
O mar, o mar, que em sua furia brava,
Ninguem domina com servil grilhão !

O mar, o mar... sobre escarreios revoltos
Em fragil lenho, fluctuar me apraz,
Ao som das vagas, e dos ventos soltos,
E das centelhas ao clarão fugaz.

Alli sorrindo da feroz tormenta,
E dos abyssmos que me abrir aos pés ;
Dentro d'esta alma de prazer sedento,
Sublime goso sentirei talvez.

B. F. DA F.

Chronica elegante.

Depois de um mez de ausencia venho de novo cumprimentar as minhas leitoras e pedir-lhes um sorriso de complacencia.

A ausencia foi longa, mas involuntaria, acre-ditem nisso : e se alguma cousa posso ainda fazer para que mereça desculpa, aconselhe-me a leitora.

Pela minha parte estou como um escriptor no-voço que nem sabe por onde deva começar : a tinta secca-se-me no tinteiro e a pena não encontra posição para escrever uma palavrinha bonita.

No entanto o tempo urge : estamos em vespera de domingo, e amanhã é dia de se publicar o *Espeleho* !

Não ha remedio, vou começar.

Não acham as leitoras que nem parece que estamos em dias de festa ? Nem um baile anima a cidade na monotonia em que jaz ; nem um divertimento a desperta dessa somnolencia em que ha tanto se adormeça. Os dous theatros subvencionados, por mal de peccados, fecharam as suas portas ; o lyrico aguarda o carnaval, e o de S. Pedro caia-se de novo. Deus queira que a caiação lhe traga melhores dias a bem da arte, que alli tem sido tão mal comprehendida.

Acompanha a falta de divertimentos a esterilidade da moda ; até a rua do Ouvidor que em mais felizes tempos costumava ornar-se toda, ostentando-se em meio de mil objectos de phantasia e de luxo, agora desanimada inclina-se sobre antigos estojos, e nos seus cochins amassados espera uma quadra mais proficia do novo anno que bate á porta.

Em meio de tudo isso o que fazer ? Ir ao Gymnasio admirar o *Romance de um moço pobre*, ir ao theatro de S. Januario ver o *Anjo Maria*, em que a Sra. D. Manoela tão importante parte toma ? E' o que tenho feito, não dando por mal empregado o meu tempo, por que lá tenho me achado também com algumas das minhas interessantes leitoras.

Disse-me um amigo que o antigo pavilhão do Paraíso, onde tantas noites vaidosa e rescen-dendo aromas fez-se admirar a parte elegante de nossa sociedade, vai de novo abrir seus salões para as sociedades de baile.

O pavilhão, ao que nos consta, acha-se admiravelmente reformado, com gosto e elegancia. Assim, em breve teremos a reacção d'essa apatia que nos rodeia, que cansa e mata o espirito.

Uma sociedade cremos já se achar organizada com o fim de proporcionar alli aos habitantes desta capital noites de distr.ção. Terei então occasião de conversar com a interessante joven que agora me está lendo, de dansar com ella uma valsa ou uma quadrilha, e de ouvir os mali-ciosos epigrammas em que as moças são tão habéis, quando querem fazer valer todo o seu espirito.

Um baile é causa de muita cousa boa, e de muita cousa má tambem.

Em um baile é que se estreitam os laços de sympathia entre dous jovens que se começam a amar: por meio delle é que dous corações enletrados nos doces esfuvios de uma musica apaixonada, chegam a comprehendêr-se, a adorar-se e em suas ternas phantasias a antever futuros que mais cedo ou mais tarde tem de realizar-se.

E' em um baile que se cream amisades e que se nutrem as affeições. E' nelle que uma alma asfodigada por trabalhos de longos dias prefere no meio dos esplendores das luzes, respirando flores, entusiasmando-se com o bello, passar os agradaveis momentos que só nlli se encontra.

Um baile!... um baile é o bello, a elegancia, o fausto, a magnificencia, o paraíso...

E' tambem causa da discordia entre duas famílias; da rivalidade entre as moças vaidosas; do ciume entre os amantes; do despeito entre os infelizes; e ás vezes do suicidio (pelo menos apparente) dos queixosos da fortuna nas tristes noites de amor...

Um baile é assim mesmo. Eu porém que lá heide ir tão sómente para admirar as minhas leitoras, aconselhar-lhes mais uma flor no cabello, mais certa elegancia no trajar, e como amigos que somos de ha muito, conversar sobre tudo e sobre todos, não tenho medo que dos bailes me resulte alguma cousa de funesto. Irei a elles e desde já emprazo as leitoras para o primeiro que houver.

Mosaico.

Na noite da primeira representação da Dama das Camelias, de A. Dumas filho, um folhetinista encontrando A. Dumas pai junto à escada do vadeville, disse-lhe com ar malicioso:

— Ora confesse que o Sr. entrou nesta peça, que toma nella alguma parte.

— Pois não! respondeu o espirituoso romanista; fui eu que fiz o autor.

— Estás ahi a abrir a boca! dizia uma mulher ao seu marido.

— Minha querida, o marido e a mulher fazem um: e eu quando estou só fico aborrecido.

Depois de uma intima conversação com o imperador Napoleão I, uma celebre actriz pediu a o conquistador o seu retrato.

— Aqui tem, respondeu o imperador, tirando do bolso uma moeda.

Um palerma perguntava a A. Dumas, pensando *encordoal-o*, se o seu pai era negro.

— Sim, senhor, respondeu Dumas, e ainda mais, meu avô era um macaco.

Voltaire querendo entrar occultamente em Paris, foi detido nas barreiras pelos malsins que lhe perguntaram se traria na carruagem alguma cousa que pagasse direitos.

— Não, senhores, respondeu elle; o unico contrabando que aqui vem sou eu.

Um sujeito gabava as vantagens hygienicas da gymnastica.

— Não ha nada melhor para a saude, dizia elle: duplica as forças e prolonga a vida.

Respondeu-lhe alguém:

— Mas nossos antepassados não faziam uso da gymnastica e com tudo...

— Sim, é verdade, não faziam uso della; mas vejajam, morreram todos!...